ISSN: 2358-8829

RIQUEZAS DA FLORA DA CAATINGA: CONHECER, VALORIZAR E PRESERVAR O BIOMA QUE HABITAMOS

Simony Araujo de Morais Alves Pinto[1]
Thiago Jeddah Ferreira Xavier [2]

INTRODUÇÃO

O bioma Caatinga compõe a paisagem e a vida de milhares de pessoas no semiárido brasileiro. Sua vegetação, marcada por diferentes formas, cores, aromas e estratégias de adaptação às condições climáticas, constitui um patrimônio natural que participa diretamente da identidade dos territórios. Apesar dessa riqueza, ainda circulam percepções que associam a Caatinga exclusivamente à seca, à escassez e à ausência de vida, o que pode contribuir para o desconhecimento de sua biodiversidade e para a pouca valorização das espécies nativas presentes no cotidiano das comunidades.

Foi a partir da observação da paisagem no trajeto entre as residências e a Escola Municipal Manoel Joaquim de Aguiar, localizada na comunidade rural Queimada da Ema, em Campina Grande, Paraíba, que surgiu a proposta pedagógica “Riquezas da flora da Caatinga: conhecer, valorizar e preservar o bioma que habitamos”. A equipe identificou que estudantes e educadores conviviam diariamente com árvores nativas sem, necessariamente, reconhecer seus nomes, características, funções ecológicas e relações com outros seres vivos. O projeto nasceu, portanto, do desejo de transformar uma paisagem familiar em objeto de investigação, conhecimento e cuidado.

A proposta compreendeu a educação ambiental como prática integrada ao currículo e relacionada às experiências concretas dos estudantes. Essa perspectiva encontra respaldo na Política Nacional de Educação Ambiental, que define a educação ambiental como processo de construção de valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, devendo estar presente de forma articulada nos diferentes níveis e modalidades de ensino (BRASIL, 1999). Também dialoga com a Base Nacional Comum Curricular, especialmente com a formação para a responsabilidade e a cidadania, que envolve

[1] Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, simonycg2@gmail.com;
[2] Especialista em Educação do campo pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, thiagojed@outlook.com;

ISSN: 2358-8829

decisões orientadas por princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018).

A proposta também dialoga com os princípios da Educação do Campo, ao reconhecer o território como espaço de produção de conhecimentos, identidade, cultura e pertencimento. Nessa perspectiva, exaltamos "o respeito à diversidade ambiental e cultural e a valorização dos saberes das comunidades" (BRASIL, 2010) considerando as experiências, os modos de vida e as características socioambientais do lugar onde os estudantes vivem. Ao tomar a Caatinga e sua flora nativa como objetos de investigação, o projeto aproxima os conhecimentos escolares da realidade local, fortalece o vínculo dos estudantes com seu território e contribui para a valorização dos saberes e das potencialidades do semiárido, compreendendo o ambiente como patrimônio natural, cultural e coletivo que precisa ser conhecido, respeitado e preservado.

O projeto teve como objetivo geral promover o desenvolvimento de um olhar afetuoso e responsável sobre a Caatinga, ampliando os conhecimentos acerca da diversidade de plantas nativas por meio do estudo de espécies encontradas na paisagem local. Como objetivos específicos, buscou: investigar árvores da Caatinga presentes na comunidade, compreendendo suas características, propriedades e importância para o ecossistema; estimular atitudes de valorização e preservação do bioma; e proporcionar experiências sensoriais junto às árvores, favorecendo vínculos de cuidado e reflexões sobre práticas de sustentabilidade e de recaatingamento.

Desenvolvido entre maio e agosto de 2024, o percurso envolveu 12 turmas e 155 estudantes, desde a Educação Infantil – maternal – até o 5º ano do Ensino Fundamental. As ações articularam levantamento de conhecimentos prévios, participação das famílias, rodas de conversa, pesquisas, aulas de campo, experiências sensoriais, atividades artísticas, recursos digitais e parcerias institucionais. Ao longo do trabalho, foram observadas aprendizagens relacionadas ao reconhecimento das espécies, à comunicação e ao envolvimento dos estudantes nas ações propostas. Este artigo apresenta o percurso, discute seus principais resultados e reflete sobre as contribuições de uma educação ambiental contextualizada no território.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza descritiva e abordagem qualitativa, construído a partir do desenvolvimento de um projeto pedagógico interdisciplinar na Escola Municipal Manoel Joaquim de Aguiar, em Campina Grande–PB. O percurso ocorreu de maio a agosto de 2024 e envolveu 12 turmas, totalizando 155 estudantes da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. As ações foram organizadas de modo

ISSN: 2358-8829

a contemplar diferentes faixas etárias, respeitando os modos de participação, investigação e expressão próprios de cada etapa escolar.

Como ponto de partida, foi realizado um levantamento dos conhecimentos e das referências presentes no território dos estudantes. Um formulário foi enviado às famílias com uma relação de 16 espécies de árvores da Caatinga, solicitando que identificassem quais delas eram encontradas nas proximidades de suas residências. Foram listadas: juazeiro, quixabeira, ângico, mulungu, catingueira, aroeira, pereiro, umburana, baraúna, umbuzeiro, barriguda, craibeira, jurema, feijão-bravo, mororó e canafístula. As respostas subsidiaram rodas de conversa e a elaboração de um gráfico com o quantitativo de ocorrências identificadas.

Na etapa seguinte, cada turma escolheu uma espécie para aprofundar os estudos. As investigações contemplaram nome popular e científico, porte, coloração, estrutura, raízes, caule, folhas, flores, frutos e funções da planta. Também foram abordadas as relações ecológicas, com atenção aos pássaros e a outros animais que utilizam as árvores como fonte de alimento, abrigo ou proteção, além dos benefícios dessas espécies para a biodiversidade da Caatinga.

As aulas de campo constituíram um eixo importante da metodologia. As turmas visitaram exemplares das espécies escolhidas em seu habitat, realizando observações, apreciações e registros. As experiências sensoriais incluíram cirandas, abraços coletivos ao redor das árvores, mensagens afetuosas, exploração da textura dos caules, percepção do cheiro de folhas maceradas, coleta de folhas caídas para composições em quadros, piqueniques à sombra e degustação de frutos, quando disponíveis. Os estudantes também produziram fotografias, vídeos, desenhos e relatórios sobre as visitas.

Em sala de aula, os conhecimentos foram retomados e ampliados por meio de diferentes linguagens e produções. Foram exploradas funcionalidades ecológicas e possibilidades de uso das árvores, com atividades que incluíram móbiles decorativos, artesanato e abordagem de usos populares, como os chás. As pesquisas realizadas pelas turmas consideraram características das espécies, usos populares e científicos e sua importância para o ecossistema, favorecendo o reconhecimento das árvores também nos territórios domiciliares.

O percurso contou com a participação da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA), que realizou uma palestra sobre a importância da água para a vida das plantas e dos seres humanos. A atividade possibilitou discutir a gestão sustentável da água potável e a proteção dos ecossistemas relacionados a esse recurso, em diálogo com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 6 – Água potável e saneamento. Outra parceria ocorreu com o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), localizado no mesmo distrito da escola. A visita

ISSN: 2358-8829

institucional ao INSA incluiu o cactário, o viveiro de mudas nativas e o laboratório de cultivo *in vitro*.

Também foram desenvolvidas atividades com tecnologias digitais, nas quais os estudantes utilizaram Chromebooks para criar jogos relacionados às árvores da Caatinga, incluindo jogo da memória e roleta de perguntas e respostas. Como estratégia de valorização das produções artísticas, foi promovido um concurso de desenhos com o tema "Árvores da Caatinga". Os três desenhos selecionados foram premiados e integraram um álbum digital que reuniu registros do percurso investigativo e produções dos estudantes.

A socialização dos conhecimentos ocorreu em 16 de agosto de 2024, durante um evento de intercâmbio no qual as turmas compartilharam suas descobertas e produções com as famílias e a comunidade escolar. Para a sistematização deste relato, consideram-se os registros das atividades, as produções textuais, artísticas e audiovisuais, a participação nas ações e as observações realizadas durante o desenvolvimento do projeto. A avaliação teve caráter diagnóstico, contínuo e qualitativo, orientando a reorganização das práticas pedagógicas em função das aprendizagens observadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação ambiental, quando incorporada ao cotidiano escolar, amplia as possibilidades de compreensão das relações entre sociedade e natureza. Mais do que transmitir informações sobre problemas ambientais, trata-se de criar situações nas quais os estudantes possam observar o lugar onde vivem, formular perguntas, investigar fenômenos, construir conhecimentos e reconhecer sua participação na conservação dos bens comuns. A Lei nº 9.795/1999 estabelece que a educação ambiental deve constituir uma prática educativa integrada, contínua e permanente, articulada aos processos de ensino e aprendizagem (BRASIL, 1999).

Essa compreensão aproxima-se da proposta desenvolvida na escola, pois o estudo da flora não foi tratado como conteúdo isolado ou restrito ao livro didático. As árvores presentes no território tornaram-se referências para perguntas e experiências: quais espécies existem perto de casa? Como reconhecer cada uma? Que características apresentam? De que maneira contribuem para a vida de outros seres? O contato direto com as plantas permitiu relacionar conhecimentos escolares a situações observáveis, conferindo significado às aprendizagens.

A abordagem também se relaciona às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, que orientam a inserção da dimensão ambiental nos processos educativos e destacam a necessidade de considerar as relações entre natureza, sociedade,

ISSN: 2358-8829

cultura e sustentabilidade (BRASIL, 2012). Ao aproximar escola, famílias, instituições científicas e comunidade, o projeto assumiu uma perspectiva participativa, na qual diferentes sujeitos contribuíram para a construção e a circulação dos conhecimentos.

A valorização da Caatinga como território de vida constitui outro eixo conceitual da experiência. Reconhecer a diversidade de espécies nativas, seus usos, suas funções ecológicas e suas relações com a fauna favorece a superação de representações simplificadoras do bioma. Nesse sentido, conhecer a vegetação local não se limita à memorização de nomes: envolve desenvolver atenção à paisagem, identificar relações ecológicas e construir atitudes de respeito e responsabilidade.

O diálogo com a Agenda 2030 também esteve presente, especialmente por meio da discussão sobre a água e sua relação com a manutenção da vida. O ODS 6 propõe assegurar a disponibilidade e a gestão sustentável da água e do saneamento para todos, enquanto a perspectiva mais ampla da Agenda 2030 articula as dimensões social, econômica e ambiental do desenvolvimento sustentável (ONU, 2015). A parceria com a CAGEPA permitiu abordar esse tema a partir de uma situação educativa concreta, relacionando a conservação da flora à importância do uso responsável da água.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um primeiro resultado observado foi a ampliação da atenção dos estudantes à paisagem do entorno. O levantamento realizado com as famílias transformou o conhecimento cotidiano em fonte de investigação escolar. Ao identificar a presença de espécies nas proximidades das residências, os estudantes puderam perceber que a Caatinga não se encontrava distante de sua realidade: estava presente nos caminhos, nos quintais e nos espaços de convivência. A participação das famílias também contribuiu para aproximar os conhecimentos escolares das experiências comunitárias.

A elaboração de rodas de conversa e de um gráfico com as ocorrências das espécies favoreceu a organização das informações levantadas. A partir desse mapeamento, as turmas puderam escolher uma árvore para estudar e aprofundar a observação de suas características. A escolha de uma espécie por turma conferiu foco às investigações e possibilitou que os estudantes se tornassem referências na apresentação das descobertas realizadas.

As aulas de campo constituíram experiências relevantes para a construção de vínculos com o ambiente. O contato com o caule, as folhas, os aromas, os frutos e a sombra das árvores ampliou as possibilidades de percepção e de aprendizagem. As cirandas, os abraços coletivos e as mensagens dirigidas às plantas foram estratégias de sensibilização que buscaram associar o

ISSN: 2358-8829

conhecimento científico a atitudes de cuidado. Essas experiências não substituíram a investigação das características das espécies; ao contrário, contribuíram para torná-la mais concreta e significativa.

Outro aspecto importante foi a articulação entre diferentes linguagens. Desenhos, fotografias, vídeos, relatórios, móbiles, artesanato e jogos digitais ofereceram oportunidades variadas para registrar, elaborar e comunicar o que havia sido aprendido. A produção dos jogos nos Chromebooks, como o jogo da memória e a roleta de perguntas e respostas, evidenciou a possibilidade de mobilizar recursos tecnológicos em torno de um tema vinculado ao território. O concurso de desenhos, por sua vez, valorizou a expressão artística dos estudantes e integrou as produções ao álbum digital do projeto.

As parcerias institucionais ampliaram o repertório de experiências. A participação da CAGEPA possibilitou discutir a água como elemento indispensável à vida humana e vegetal, articulando o tema da flora à gestão sustentável dos recursos hídricos. A visita ao INSA aproximou os estudantes de espaços de pesquisa e conservação, como o cactário, o viveiro de mudas nativas e o laboratório de cultivo *in vitro*. Essas vivências contribuíram para apresentar diferentes formas de produção de conhecimento e cuidado com a biodiversidade do semiárido.

A socialização realizada em 16 de agosto de 2024 permitiu compartilhar o percurso investigativo com as famílias e a comunidade escolar. O álbum digital reuniu registros e produções, tornando visíveis as etapas do trabalho e as aprendizagens construídas pelas turmas. A culminância não foi compreendida apenas como exposição de resultados, mas como oportunidade de comunicação, reconhecimento e intercâmbio entre os grupos.

Nas observações registradas durante o projeto, destacaram-se o interesse dos estudantes pelas descobertas, a participação na elaboração de materiais, a produção de registros textuais e artísticos e a comunicação espontânea das aprendizagens aos familiares. Também foi percebido maior reconhecimento das árvores estudadas quando os estudantes passavam por elas em seus territórios.

Os resultados indicam que a investigação do território pode funcionar como eixo articulador de aprendizagens em diferentes etapas da Educação Básica. A participação de 155 estudantes, do maternal ao 5º ano, exigiu propostas diversificadas, mas manteve um objeto comum de estudo: as árvores da Caatinga. Essa unidade temática favoreceu o intercâmbio entre turmas e a construção de uma identidade coletiva em torno da valorização do bioma.

A experiência também aponta para a importância de compreender a educação ambiental como processo contínuo. O conhecimento de uma espécie, por si só, não garante sua preservação; contudo, pode constituir uma condição inicial para que os sujeitos reconheçam sua

ISSN: 2358-8829

importância, percebam relações ecológicas e desenvolvam atitudes de cuidado. A proposta de recaatingamento, presente nos objetivos do projeto, abre possibilidades para a continuidade das ações, especialmente por meio de práticas de valorização e recomposição da vegetação nativa, conforme as condições e parcerias disponíveis à escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto "Riquezas da flora da Caatinga: conhecer, valorizar e preservar o bioma que habitamos" demonstrou o potencial de uma educação ambiental construída a partir do território e das experiências cotidianas dos estudantes. Ao transformar as árvores presentes no entorno em objeto de investigação, a escola criou oportunidades para reconhecer a biodiversidade local, ampliar conhecimentos e desenvolver relações de cuidado com o ambiente.

O percurso articulou participação das famílias, pesquisa, aulas de campo, experiências sensoriais, produção artística, tecnologias digitais e parcerias institucionais. A diversidade de estratégias permitiu que estudantes de diferentes etapas escolares participassem da construção e da comunicação dos conhecimentos. As observações realizadas apontaram envolvimento nas atividades, reconhecimento mais atento das espécies estudadas e compartilhamento das aprendizagens com familiares e comunidade.

Conclui-se que trabalhar a Caatinga a partir de sua flora favorece a aproximação entre currículo e realidade, contribuindo para superar visões que reduzem o bioma à aridez e à escassez. A experiência reforça a importância de práticas pedagógicas contextualizadas, interdisciplinares e participativas, nas quais conhecer o ambiente seja também uma oportunidade de valorizá-lo e assumir responsabilidades em sua preservação.

Como continuidade, considera-se pertinente aprofundar o acompanhamento das espécies estudadas, ampliar ações de sensibilização sobre a conservação da vegetação nativa e planejar iniciativas de recaatingamento em diálogo com instituições parceiras e com a comunidade escolar. Também se recomenda sistematizar indicadores de acompanhamento, como registros periódicos de reconhecimento das espécies, participação das famílias e frequência escolar, para qualificar futuras avaliações do projeto.

Palavras-chave: Caatinga; Educação ambiental; Educação do campo; Aprendizagem contextualizada; Sustentabilidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às famílias dos estudantes, à comunidade escolar, à Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (CAGEPA) e ao Instituto Nacional do Semiárido (INSA) pela participação e colaboração nas ações que contribuíram para a realização do projeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 28 out. 2026.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 28 out. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: CNE, 2012. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/normas-classificadas-por-assunto/educacao-ambiental/rcp002_12.pdf. Acesso em: 28 out. 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel. Acesso em: 28 out. 2026.